



Breves considerações sobre Hiroshi Saito e as diferenças institucionais entre a Escola de Sociologia e Política e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no período de estruturação das Ciências Sociais em São Paulo

Brief considerations about Hiroshi Saito and the institutional differences between the Escola de Sociologia e Política and the Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras in the period of structuration of the Social Science in São Paulo

Jader Tadeu Fantin¹

Resumo

Este artigo defende o desenvolvimento de um estudo biobibliográfico sobre Hiroshi Saito para demonstrar o valor intrínseco de sua produção e a sua contribuição para a edificação das Ciências Sociais em São Paulo. Japonês, imigrante na década de 1930, em São Paulo torna-se importante figura no meio acadêmico na Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). O contexto de sua produção intelectual carrega um debate que se construiu com a estruturação das Ciências Sociais em São Paulo. Estavam presentes epistemologias distintas e divergências entre a ELSP e a FFCL - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, o que se evidencia na narrativa dominante das Ciências Sociais que qualifica algumas produções em detrimento de outras. A realização deste estudo poderá contribuir para a narrativa das Ciências Sociais em São Paulo, valorizando, acrescentando e rediscutindo elementos no seu período de estruturação.

Palavras-chave: Hiroshi Saito; Estruturação das Ciências Sociais; Escola Livre de Sociologia e Política; Estudos Japoneses; Pensamento Social.

Abstract

This article presents the development of the bibliography study about Hiroshi Saito to demonstrate the intrinsic value of his production and the his contribution for the

1 Cientista Social formado pela FCLAr/Unesp, mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo IAU-USP e doutorando em Ciências Sociais pela FCLAr/Unesp. Contato: redajj@gmail.com



knowledge of Social Science in São Paulo, Japanese, immigrant in 1930's, become an important icon in the academic environment in Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP). The main idea of his intellectual production has a brainstorm that developed with the structuration of Social Science in São Paulo. Different spistemologies and opposites were presented between the ELSP and the FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, which is represented in the dominant narrative of the Social Science that improve some productions instead of others. This analysis will can to contribute for Social Science narratives in São Paulo, helping and discussing elements in its structuration period.

Keywords: Hiroshi Saito; Social Science Structuration; Politic and Sociology School; Japanese studies; Social Thinking.

Apresentação

Este artigo defende o desenvolvimento de um estudo biobibliográfico de um autor chamado Hiroshi Saito (1919-1983), assim como pretende demonstrar a sua contribuição para a edificação das Ciências Sociais em São Paulo e o valor intrínseco de sua produção. Japonês, imigrante na década de 1930, na cidade de São Paulo conquista desenvoltura e grande capacidade intelectual. Em 1933 havia sido criada a Escola Livre de Sociologia de São Paulo (ELSP), instituição na qual Saito iria se tornar um dos pioneiros no Brasil com os estudos sobre a integração dos imigrantes japoneses e seus descendentes à sociedade brasileira.

Hiroshi Saito está inserido em um contexto de pioneirismos e de disputas metodológicas - marcado não apenas pela fundação da Escola Livre de Sociologia e Política, mas também da Faculdade de Filosofia da USP, instituições onde houve o desenvolvimento e a consolidação dos primeiros cursos de Ciências Sociais no Brasil. Assim, por meio do estudo deste autor, espera-se oferecer uma contribuição para a narrativa da história da edificação das Ciências Sociais em São Paulo.

Hiroshi Saito é encontrado como referência em trabalhos que estudam os imigrantes japoneses, porém, de uma forma que se acredita injusta com a importância de sua contribuição pioneira. Intriga e dá motivação para essa questão a ausência de análises e qualificações mais abrangentes de seu trabalho. A esse fato somam-se as controvérsias presentes na narrativa da história das Ciências Sociais que buscam definir o valor sociológico dos estudos nesse período e demonstram a competição pela hegemonia no campo científico.

O contexto dos anos 1930 marca mudanças desenvolvimentistas no Brasil, era necessário compreender melhor o que acontecia. Nesse quadro foram fundadas a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP) em 1933 e, em 1934, a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCL) da USP. Essas duas instituições, complementares em seus estudos, realizaram escolhas metodológicas e papéis institucionais que lhes conferiram diferentes caminhos. Saito também esteve ligado à USP, mas sua produção de maior destaque se relaciona ao seu vínculo com a ELSP. Aprofundar o estudo desse autor, compilar, analisar, criticar e qualificar a sua obra pode oferecer elementos importantes para se (re) pensar o período de



estruturação das Ciências Sociais em São Paulo, além de revelar o valor específico da sua contribuição.

Introdução

Na década de 1930 a sociedade brasileira se transformava. Em decorrência de sua localização, São Paulo assegurou maior área de influência e atração de indústrias (SINGER, 1968, p. 51), o que levou até a urbanização e muitas mudanças sociais. Esse período também marca a chegada de muitos imigrantes, aproveitados na agricultura no interior do Estado e depois absorvidos nas fábricas da capital².

Fazia-se necessário um movimento para tentar compreender e dirigir as mudanças pelas quais o Brasil passava. Em nível federal o governo criou, em 1920, a Universidade do Rio de Janeiro (BRASIL, 1920). No ano de 1931, com o decreto 19.851, o governo conferiu um papel importante para os centros de humanidades dentro das universidades. Com ele, impôs que a universidade brasileira teria que congrega pelo menos três institutos, que poderiam ser uma faculdade de direito, de medicina, de engenharia, ou de educação, ciências e letras, que deveriam manter o interesse na ciência e na cultura. Em 1932, com o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, foi apontada a necessidade de criação de uma universidade que agregue em suas dependências as faculdades profissionais, as de ciências sociais e economia, as de matemática, física e ciências naturais e os centros de filosofia e letras para se atingir um eixo cada vez mais amplo da cultura científica (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA, 1932). Em 1931, em São Paulo - com a intenção de conduzir a modernização e de formar quadros dirigentes - a elite paulista criou o IDORT (Instituto de Organização Racional do Trabalho) e, em 27 de abril de 1933, a Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo - ELSP.

A ELSP foi idealizada por um grupo de intelectuais, dentre os quais destacavam-se Roberto Simonsen, Mário de Andrade, Raul Briquet e Antonio de Almeida Prado. Essa instituição tinha por objetivo compreender a sociedade antes de traçar planos de ação e, para isso, necessitava formar quadros políticos competentes instruídos nos métodos científicos. Tratava-se de uma instituição de ensino não pública e vanguardista, com um curso específico de sociologia - que formava alunos e professores simultaneamente, e estava aberta a outros profissionais que quisessem acompanhar as aulas³.

As Ciências Sociais se desenvolviam em outras partes do país, com destaque para a sociologia. Houve a instalação de uma cátedra de sociologia no Recife e outra no Rio de Janeiro (DEL VECCHIO, 2009, p. 11-12). Esse era o quadro em que

2 Para mais informações sobre a presença e a contribuição dos imigrantes para mudanças na sociedade paulista ver Hall (2004) e Araújo (1940). Os censos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 1920, 1940, 1950 e 1960 também revelam a presença dos estrangeiros no Brasil.

3 O manifesto de fundação da ELSP foi assinado por pelo menos cem membros da elite de São Paulo, dentre eles professores, médicos e engenheiros. Para conferir, ver nos anexos de KANTOR; MACIEL; SIMÕES (2009).



se estruturava a sociologia no Brasil, adensado em 1934 com a criação da FFCL dentro da Universidade de São Paulo.

O modelo de universidade implantado com a USP parece seguir um padrão institucional alemão. Havia a preocupação em desenvolver a ciência e formar uma elite a partir da constituição de um órgão coordenador central da cultura científica, o que conferia à Faculdade de Ciências e Letras um importante papel (PAULA, 2002).

Há nesse contexto paulista a fundação de duas instituições pioneiras das ciências sociais no país (ELSP e FFCL), que devido às suas particularidades seguiram modelos de implantação e interesses diversos. O grupo idealizador da ELSP pretendia explicar a realidade por meio da pesquisa aplicada e edificar um conhecimento interessado, que ajudasse a apontar soluções para as novas questões que se colocavam e, deste modo, colocar fim ao diletantismo presente.

Logo no início, a ELSP trouxe importantes pesquisadores americanos. Horace Davis e Samuel H. Lowrie, da Universidade de Colúmbia - que desenvolveram em São Paulo um trabalho meticuloso e pioneiro de sociologia aplicada com os trabalhadores da cidade ⁴-, e Donald Pierson, formado pela Escola de Chicago. Junto a este, a ELSP conseguiu expressivos financiamentos norte americanos para pesquisas.

No período em que Pierson esteve na ELSP ajudou a institucionalizar a pesquisa em Ciências Sociais em São Paulo e a formar pesquisadores. São desse contexto Herbet Baldus, Emílio Willems, Oracy Nogueira, Darcy Ribeiro, Juarez Brandão Lopes, Florestan Fernandes e Hiroshi Saito. No ano de 1939 houve a fundação da Revista Sociologia, o que marca um avanço neste processo de estruturação das Ciências Sociais. Pierson deixou a ELSP na década de 1950 e levou consigo importantes fontes de financiamento de pesquisa.

Como se mencionou, ao lado da Escola Livre de Sociologia e Política havia a FFCL. A USP foi criada com o decreto de n.º 6.283, de 25 de janeiro de 1934, por Armando Salles de Oliveira. No decreto do Estado de São Paulo (1934) consta que “[...] somente por seus institutos de investigação científica, de altos estudos, de cultura livre, desinteressado, pode uma nação moderna adquirir a consciência de si mesma, de seus recursos, de seus destinos [...]”, o que expressa a preocupação de formar em nível universitário os profissionais e cidadãos para fazerem parte das classes dirigentes com uma preocupação puramente científica.

Citando Witter, Del Vecchio (2014, p. 11) aponta que os fundadores da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras consideravam-na a mais responsável pela formação do espírito universitário dentro da instituição.

Del Vecchio identifica em autores que compõem o chamado ‘Pensamento Social brasileiro’, uma periodização que coloca uma extensa produção das ciências sociais no Brasil com um status de pré-científico, e do outro lado, trabalhos pautados por rigorosos procedimentos - a chamada sociologia científica que teria sido inaugurada e consolidada na FFCL-USP, por Florestan Fernandes. Assim, a Escola Sociológica Paulista, como ficou conhecida, coloca grandes produções

4 Os resultados das pesquisas foram publicados na Revista do Arquivo Municipal no período entre 1935 – 1938. Os artigos também estão publicados na íntegra no livro ‘As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie, pioneiros da Sociologia aplicada no Brasil’ organizado por Del Vecchio e Diéguez (2008).



acadêmicas com uma qualificação, acredita-se, ingrata. É o caso daquilo que se produzia no Rio de Janeiro e Minas Gerais, caracterizado por sofrer influências políticas e extra-acadêmicas (DEL VECCHIO, 2014, p. 14-15).

Uma das periodizações foi realizada por Florestan Fernandes, que pontua o desenvolvimento do caráter científico da sociologia no Brasil a partir dos anos 1950. Para ele a “transformação da análise histórico-sociológica em investigação positiva”, e a “introdução da pesquisa de campo como recurso sistemático de trabalho”, podem localizar “historicamente a fase em que, no Brasil, a Sociologia se torna disciplina propriamente científica” (1958, p. 203). É preciso lembrar que Saito está inserido nesse contexto e que, mesmo antes, na ELSP, as pesquisas desenvolvidas por Davis e Lowrie parecem atender aos quesitos elencados por Florestan.

Em análise sobre a história e ideologia das Ciências Sociais no Brasil, Segatto e Bariani (2009) reúnem inúmeras leituras dos membros da Escola Paulista de Sociologia e que contêm dissenso quanto ao caráter científico do que foi produzido até então. Na leitura de Fernando de Azevedo, o caráter científico é endossado depois 1936, quando há uma associação do ensino com a pesquisa nas universidades; para Florestan Fernandes, somente após 1950; já Antônio Cândido enxerga um rigor científico a partir de 1940, com a consolidação de uma formação e produção específicas dentro das universidades, da pesquisa empírica e aplicação; Oracy Nogueira identifica a consolidação de um caráter científico a partir de 1930. Renato Ortiz pontua que foi a partir dos anos 1940, com o grupo de Florestan na USP, quando prevalece a observação às normas, valores e ideias do saber científico. Esses autores baseiam-se na institucionalização como marco de início das Ciências Sociais no Brasil.

Os membros da Escola Sociológica Paulista defendem a isenção política e o descompromisso com a realidade para se alcançar o rigor científico. Porém, a fundação da USP acontece justamente para tentar compreender as mudanças pelas quais o país passava e, ainda, observado no decreto n.º 6.283, para a valorização da aquisição da consciência de si, para a preparação do cidadão e das elites dirigentes, o que parece objetivar uma tomada de posição política. Como poderiam então, os membros da Escola Sociológica Paulista, enxergarem-na posteriormente como isenta do jogo político e de outras influências?

Em comparação entre a ELSP e a FFCL nesses anos de formação das Ciências Sociais, Limongi diz que a criação daquela tem uma característica básica: as preocupações práticas e atreladas às políticas públicas específicas, por exemplo as desenvolvidas pelo Departamento de Cultura da cidade de São Paulo. Já a Faculdade de Filosofia teria interesses radicalmente diversos e faria “a defesa de um ensino calcado nas humanidades e destituído de qualquer utilitarismo” (LIMONGI, 1989, p. 221-222) como apregoado no decreto de fundação.

Chacon (1977, p. 99) acredita que o impulso para a fase de constituição das Ciências Sociais adveio justamente do esforço feito pelas elites de encontrar e analisar os problemas sociais, pois foi sentida a necessidade de se formarem quadros técnicos para utilizarem as ciências humanas para o progresso, integração e futuro da nação por meio da pesquisa empírica.

Del Vecchio (2014) defende que a estruturação da sociologia enquanto disciplina científica aconteceu em diversos centros do país que enfrentavam diferen-



tes questões e, portanto, foram estudadas de formas variadas. Antônio Candido (2006, p. 301), ao analisar o período de formação da sociologia no Brasil, diz que esta se constituiu de forma sincrética. Além disso, enxergava como necessário a utilização da sociologia para o planejamento, progresso e racionalização dos setores administrativos, o que é um contraponto ao que a Escola Sociológica Paulista advoga para si como um diferencial positivo: a pesquisa desinteressada e afastada de interesses políticos.

Sérgio Miceli (1995, p. 10-11) aponta que com o estabelecimento de um sistema nacional de pós-graduação, iniciado nos anos 1950 e consolidado na década de 1970, as instituições acadêmicas foram se tornando espaços de lutas políticas. Os cientistas sociais brasileiros se infiltraram em agências governamentais e puderam exercer na prática a ciência, o que caracteriza importante papel político. Segundo Arruda (1995, p. 162-163), Florestan Fernandes – destaque da Escola Sociológica Paulista - nos anos 1950 levou a sociologia para o campo do planejamento e aproximou-se da intervenção social. A neutralidade política requerida por fiduciários da FFCL também parece ser afastada no trecho encontrado de Cardoso quando esta coloca que coube a instituição capacitar uma elite para “decidir os destinos da nacionalidade” (1982, p. 82).

Deixar no esmaecimento ou ostracismo algumas produções em decorrência de posições político-institucionais é uma perda para a riqueza da reconstrução da história da institucionalização das ciências sociais desse momento. Há ainda a possibilidade de se realizar uma análise desse contexto sob a luz de Bourdieu, o que permite enxergar uma disputa em torno da epistemologia desenvolvida em cada instituição, que se estende até a narrativa dominante das Ciências Sociais, e que na verdade pode revelar disputas políticas e a consolidação ou a contestação de autoridades científicas (BOURDIEU, 1983, p. 124).

Seria interessante buscar identificar as semelhanças e diferenças na formação, nas metodologias e nos procedimentos adotados em cada escola. Matos (2009, p. 56) aponta que Donald Pierson, Radcliffe Brown e Roger Bastide foram os iniciadores do que seria a Escola Sociológica Paulista. “Tudo isso nos fala de uma época das ciências sociais no Brasil que parece ter muito mais a nos dizer do que estamos habituados a ouvir” (CAVALCANTI, 2009, p. 112), e Hiroshi Saito faz parte desse contexto.

Hiroshi Saito, a estruturação das ciências sociais em São Paulo e as diferenças entre a ELSP e a USP

Hiroshi Saito desenvolveu pesquisas sobre os japoneses no Brasil no período em que estavam se integrando nessa sociedade - de 1908 até a década de 1960⁵ - o que o coloca como um pesquisador pioneiro sobre os imigrantes japoneses. Esteve na ELSP nos seus anos de formação e participou da formação e do método inovador trazidos para o Brasil por Donald Pierson.

Há um contexto de disputas metodológicas na sociologia que está em conso-

5 Para mais informações sobre a imigração japonesa para o Brasil, consultar as obras de Sakurai (1998;2000), Nogueira (1984), Maejima (2005), e Hashimoto; Tanno; Okamoto (2008).



lidação, em que de um lado encontram-se os estudos de comunidade de Emílio Willems (com o qual Saito trabalhou na ELSP, além de ser seu aluno) com a teoria da aculturação e assimilação e, do outro, a corrente iniciada mais à frente por Florestan Fernandes e seus alunos na USP, preocupados com o desenvolvimento da sociedade capitalista e de classes no Brasil. Segundo Piza (2012, p. 44), a ELSP era encarada pela FFCL como mais conservadora, herdeira da Escola de Chicago⁶. Aprofundar o estudo dessas questões pode ajudar a compreender e a discutir a narrativa dominante da história das Ciências Sociais nesse ínterim⁷.

Hiroshi Saito (1919-1983) chegou com sua família no Brasil em 1933. Num primeiro momento seguiu para as lavouras no interior do Estado de São Paulo e posteriormente foi para a capital para estudar. Não permaneceu aí por muito tempo devido à perseguição aos imigrantes nos anos 1930⁸, o que o levou a retornar ao interior (CASTRO, 1994). Com todas as dificuldades enfrentadas, Saito havia entendido a necessidade de integração na sociedade brasileira por meio do trabalho, o que ajudaria os japoneses a se livrarem dos estigmas negativos que possuíam⁹.

Saito retornou para São Paulo em 1941 e no pós-guerra foi trabalhar no Jornal Paulista. Como redator pode escrever suas percepções acerca da comunidade japonesa e se posicionar a favor da integração dos japoneses de forma pacífica na sociedade brasileira (CASTRO, 1994, p. 123). Publicou pela primeira vez nesse jornal em 15 de fevereiro de 1947. O artigo 'Tabus Destronados' falava do grupo dos 'vitoristas' japoneses que usavam a violência para pregar a mentira da vitória do Japão na guerra (JESUS & TANIGUTI, 2012, p. 210). Também neste ano ingressou na ELSP como aluno-ouvinte.

Em decorrência de sua situação como imigrante, na ELSP Saito utilizou sua trajetória de vida como motivação intelectual e pode contribuir para a institucionalização dos estudos japoneses no Brasil e para uma sociologia da imigração. Em 1947, publicou junto com Willems na revista de Sociologia o artigo chamado 'Shindo Renmei: um problema de aculturação', onde é percebida a influência de Donald Pierson, Herbert Baldus e Egon Schaden, vinculados à tradição americana da Escola de Chicago e pesquisadores da ELSP. Já neste trabalho Saito parece utilizar a sociologia para mostrar que os problemas que a colônia japonesa enfrentava acometia aqueles que não haviam conseguido se integrar economicamente

6 Piza, em seu artigo, mostra como Eunice Durham e Ruth Cardoso rejeitam a teoria da aculturação, pois entendem que a assimilação e a integração dos imigrantes acontecem na mobilidade social e na integração à sociedade de classes capitalista nacional, o que marca a descendência de Florestan Fernandes (que defende uma macrosociologia) e as apartam de Willems e, conseqüentemente de seus sucessores mais fiéis como Egon Schaden e Hiroshi Saito (2012, p. 35).

7 No trabalho de Jackson, a ELSP é caracterizada como voltada para a formação de técnicos para trabalharem na administração, daí uma formação com a ênfase nas pesquisas de campo para o conhecimento prático e objetivo da realidade, enquanto a USP teria a pretensão de capacitar intelectualmente a elite para escolher os destinos da nação, o que ratifica a sua formação ampla e teórica dentro das Ciências Sociais (JACKSON, 2007, p. 38).

8 Uma obra que retrata a perseguição dos imigrantes desse período é a de Cytrynowicz (2000).

9 Analisando dados do período, a pesquisa de mestrado 'Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX' deixa evidente que os imigrantes japoneses que se fixaram no bairro desenvolveram uma infinidade de atividades econômicas para sobreviverem e se integrem, além de preservarem muitas instituições de auxílio à colônia. Ver Fantin (2013).



à sociedade brasileira e, para isso, utilizou os métodos científicos da sociologia aplicada e dos estudos de comunidade que aperfeiçoara na ELSP, o que também fica perceptível nos trabalhos 'Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil' (1953), 'O japonês no Brasil – estudo de mobilidade e fixação' (1961) e 'O cooperativismo e a comunidade' (1965).

Saito matriculou-se na ELSP como aluno regular em 1950 e no período de 1954-1956 desenvolveu seu mestrado sob orientação de Donald Pierson, quando estudou a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) dos japoneses. Os resultados de seu mestrado foram publicados na revista *Sociologia* entre 1954-1955, que posteriormente deram origem a um livro. Em 1957 Saito foi convidado a lecionar no 'The Research Institute for Economics and Business Administration' da Universidade de Kobe, onde desenvolveu seu doutorado e retornou ao Brasil em 1959. A sua tese de doutorado foi a base para a publicação do livro 'O japonês do Brasil: estudo de mobilidade e fixação', em 1961.

Novamente na ELSP, atuou como professor nos cursos de graduação e pós-graduação. Trabalhou aí até 1970, quando se desligou por desajustes financeiros da instituição e recebeu, posteriormente, o convite para lecionar na Escola de Comunicação e Artes-USP - por onde já havia passado Egon Schaden - para trabalhar com comunicação rural (CASTRO, 1994).

Ao final de 1970 a produção de Saito era de 37 artigos, dos quais 25 em português, 4 livros em japonês e 2 em português. Também ocupou a posição de professor associado na Universidade da Flórida, nos EUA (JESUS & TANIGUTI, 2012, p. 221). Além disso, organizou eventos e seminários voltados aos estudos da colônia japonesa no Brasil, tanto na ELSP quanto na ECA, sempre buscando alcançar seu ideal de integração dos imigrantes e descendentes.

Pode-se dizer que Saito é um dos responsáveis por abrir espaço para a consolidação de um campo de estudo dentro das Ciências Sociais em formação em São Paulo¹⁰. Porém, há trabalhos que apontam certo esquecimento dos estudos de Saito, como o de Jesus e Taniguti que atribui esse esmaecimento ao declínio institucional da ELSP e às transformações metodológicas da sociologia, sobretudo no estudo das minorias, com as críticas aos estudos de comunidade efetuadas pela corrente teórica consolidada por Florestan Fernandes, e por deixar o eixo dinâmico da sociologia. Saito teve o reconhecimento do doutorado em economia em Kobe negado pela FFCL, o que o fez aceitar o convite para lecionar na Escola de Comunicação e Artes da USP – ECA (CASTRO, p. 221-222). Saito morreu em 1983 e deixou a sua obra de doutorado no Brasil inacabada.

Identificando essas diferenças institucionais, Limongi salienta que é mérito da ELSP uma preocupação com pesquisa empírica, prática e aplicada, menos evidente na FFCL. Esta última esteve mais interessada na docência e nas pesquisas com forte embasamento teórico e especulativo. Segundo documento enviado aos deputados estaduais, a ELSP dizia que a FFCL possuía a finalidade de promover a cultura geral e formar uma elite de professores secundários, enquanto aquela se incumbia de formar o pessoal técnico para ocupar as administrações públicas

10 Em reconhecimento ao trabalho de Saito e sua excelência na área, Hideo Onaga, ao prefaciá-la obra de Arlinda Rocha Nogueira 'Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil', diz que em seu lugar deveria estar Hiroshi Saito, o que foi impossibilitado pela sua morte. Ver Nogueira (1984).



e particulares – quadros dirigentes. (1989, p. 217-219). De modo análogo, Arruda (1995, p. 140) diz que a formação dos sociólogos da USP priorizava o rigor conceitual, bibliográfico e teórico, pois havia uma ênfase na leitura de grandes pensadores estrangeiros para construir uma fundamentação teórica e um modelo de reflexão acadêmica.

Outro trabalho que se ocupou dessa questão é o de Piza, que realiza uma discussão sobre os estudos de imigração nas Ciências Sociais de São Paulo e identifica duas correntes: uma ligada a ELSP e Emílio Willems (formador de Saito) e outra iniciada por Eunice Durham, na década de 1960 na USP, que realiza a crítica da teoria da aculturação, além de contrapor os estudos de comunidade de Willems aos do desenvolvimento da sociedade de classes capitalista de Florestan Fernandes. Piza conclui apontando que há elementos de ruptura e de continuidade nos estudos de imigração em São Paulo, frutos de diferenças institucionais, acadêmicas e políticas entre a ELSP e a USP (2012, p. 33; 45).

Em texto que destaca a trajetória de Florestan Fernandes, Arruda (1995, p. 190) diz que havia na sociologia paulista uma resistência aos estudos de comunidade, pois o tema soava frágil diante da magnitude dos problemas sociais que poderiam ser enfrentados pelo pensamento. Em seu trabalho, Jackson resume as diferenças teórico-metodológicas e as disputas entre a ELSP e a FFCL. A crítica fundamental dos sociólogos da USP aos estudos de comunidade dirige-se ao conservadorismo da ELSP e ao empirismo, pois aqueles partilhavam da teoria marxista, macrossociológica e, nesse sentido, revolucionária – no mesmo texto o autor lembra que Octávio Ianni e Maria Sylvia de Carvalho retomaram os estudos de comunidade na USP na década de 1960. O erro dos pesquisadores da ELSP, segundo Florestan, seria ignorar as análises clássicas da sociedade europeia - uma vez que o Brasil seria herdeiro dessa história - e colocar a pesquisa empírica como primeira etapa da análise (JACKSON, 2007, p.38;40).

Este trabalho aponta um esmaecimento da obra de Hiroshi Saito devido às diferenças político-institucionais e teórico-metodológicas encontradas entre a ELSP e a FFCL, em que esta última parece dominar a narrativa da história das Ciências Sociais no Brasil, principalmente em São Paulo, com a chamada Escola Paulista e suas críticas aos trabalhos que supostamente não apresentaram o mesmo rigor científico que advogam para si, o que por sua vez pode deixar na marginalidade trabalhos como os de Saito.

A valorização de alguns legados em detrimento de outros pode se dar por disputas que ocorrem dentro das instituições pela hegemonia científica, o que reforça o apontamento acima. Nas Ciências Sociais não há uma autoridade científica que não seja ao mesmo tempo parte interessada. Com este pressuposto é possível realizar uma análise contextualizada da obra de Saito. Qual é o ambiente social, político e institucional que suscitou e possibilitou o desenvolvimento das questões teóricas do autor?

O que se deve evitar é o perigo de uma única história. Analisando as “Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970)”, Luiz Carlos Jackson (2007, p. 33;38) mostra que tanto a ELSP quanto a USP estiveram ligadas a objetivos políticos em sua fundação, porém, acredita que a FFCL enxergava a Escola de Sociologia como conservadora e, por isso, intelectualmente limitada.

A hipótese do esmaecimento da obra de Hiroshi Saito ganha força após cons-



tatar que até o final da década de 1970 este havia construído sólida trajetória acadêmica e participado ativamente na estruturação de um campo de pesquisa, o que mesmo assim não assegurou o seu lugar no *mainstream* da sociologia, em particular com os estudos sobre os japoneses no Brasil e sobre imigração. Seus estudos revelam um trabalho metodológico, de sistematização e interpretação que merecem ser analisados e interpretados.

Uma metodologia para se concretizar este estudo: a Sociologia do Conhecimento e o trabalho biobibliográfico

É possível realizar problematizações suscitadas pela Sociologia do Conhecimento para discutir a produção e trajetória de Saito, desvendar o valor intrínseco da sua obra e analisar a metodologia de seus trabalhos. Aliado a isso, pode-se fazer o uso da pesquisa biobibliográfica para complementar o estudo com vistas a constituir um trabalho mais completo sobre a vida, obra e trajetória de Hiroshi Saito.

Para analisar as disputas teórico-metodológicas entre a ELSP e a FFCL no período pode-se recorrer a Bourdieu, que é bastante elucidativo quando diz que um universo 'puro' da mais 'pura' ciência é um campo social como outro qualquer com as suas relações de força, monopólios, lutas e estratégias. Os objetos do campo científico mudam de forma e abrangência e são escolhidos por meio do cálculo do lucro que justifique o seu investimento. É um campo, portanto, dinâmico (1983, p. 122, 127).

Por sua vez, Mannheim (1968, p. 288) nos oferece a possibilidade de pensar os fatores extra teóricos do pensamento - os condicionantes sociais do observador. O autor chama a atenção, dentro da sociologia do conhecimento, para a perspectiva do pensador. Investigar e analisar como os fatores existenciais afetam a perspectiva do sujeito é um trabalho que permite discutir a obra de Saito e qualificá-la, ao mesmo tempo que se pode discutir as críticas que lhe foram tecidas dentro desse contexto de correlação de forças na estruturação da sociologia em São Paulo. Assim, é possível imergir nos debates presentes à época. Conforme aponta Mannheim (1968, p. 302):

A Sociologia do Conhecimento busca ultrapassar a 'discussão sem reconhecimento' dos vários antagonistas, assumindo, como seu tema explícito de investigação, a descoberta das origens dos desentendimentos parciais que nunca seriam percebidos pelos disputantes, devido à sua preocupação com o assunto imediato do debate.

O ponto desenvolvido por Mannheim acerca da Sociologia do Conhecimento e que pode nortear a análise defendida neste texto é analisar a relação entre o conhecimento e a existência, e também quais as formas tomadas por esta relação no desenvolvimento intelectual. Desse modo, é possível descobrir os critérios capazes de determinar as inter-relações entre o pensamento e a ação em Saito, analisar a relevância dos fatores condicionantes não-teóricos sobre o pensamento.



Por exemplo, o fato de Saito ser um imigrante japonês com costumes culturais diferentes e estar inserido num contexto de desenvolvimento nacional que envolve medidas nacionalistas do governo brasileiro em relação aos estrangeiros recém-chegados não teria influenciado em suas escolhas e análises de seus objetos de estudo?

Realizar esse tipo de questionamento pode revelar peculiaridades e explicar pontos importantes dentro de sua obra e trajetória. Mannheim defende a análise dos condicionantes sociais do pensamento ou, de outro modo, defende a investigação das maneiras pelas quais as relações sociais afetam o pensamento, o que denomina de 'Teoria da determinação social do conhecimento' (1968, p. 286;288). Nesse sentido é preciso deslindar a obra e trajetória de Hiroshi Saito enquanto intelectual e imigrante, analisar quais os resultados e proposições alcançadas em seus trabalhos.

De outro modo Merton fala no pertencimento existencial do pensamento e nos fatores extra teóricos que influenciam a forma, a aparência, o conteúdo e a estrutura lógica do pensamento. Tais fatores podem interferir em um trabalho de muitos modos, como: na percepção do problema, na formulação teórica, nos pressupostos e na metodologia (2013, p. 96).

Não se deve subestimar o valor da obra de Saito e obscurecer facetas adotando uma única perspectiva de observação e discussão. Uma posição social pode limitar um ponto de vista e, de tal forma, quando se leva em consideração as disputas que ocorrem pela hegemonia no campo científico, muitos trabalhos podem ser relegados em decorrência de transformações no próprio campo científico ou por disputas políticas muitas vezes encaradas como divergências epistemológicas.

Conduzir tal estudo para caracterizá-lo como um trabalho biobibliográfico necessitará da reunião de elementos biográficos e bibliográficos de Hiroshi, sistematização por datas em ordem cronológica e compilação da bibliografia que se tem produzida sobre o autor. Trata-se de realizar também a junção de documentos, cartas, recibos, fotos e imagens, diários, rascunhos, leis e tudo mais que possa revelar alguma característica ou informação sobre o pesquisado.

Os trabalhos biobibliográficos¹¹, além de apresentarem uma cronologia, sessões organizadas por assunto, apêndices com cartas, endereços, arquivos etc., fazem a indicação de onde os materiais estão localizados. É importante lembrar que, mesmo reunindo um material vasto sobre o objeto de estudo, uma biobibliografia trata-se de uma reconstrução, desse modo rejeitando a ingenuidade de vislumbrar uma reprodução fiel do objeto pesquisado.

A defesa do desenvolvimento de um estudo biobibliográfico sobre Hiroshi Saito e a utilização do escopo teórico da Sociologia do Conhecimento - com autores como Mannheim, Merton e Bourdieu -, pode oferecer significativas contribuições para entender o esmaecimento de sua obra, compreender as diferenças e disputas entre as instituições pioneiras das Ciências Sociais em São Paulo, trazer elementos para se pensar as escolhas teóricas e metodológicas do pesquisador (não somente de Saito), além de constituir um trabalho que irá reunir vasta informação

11 Como referências para o desenvolvimento de um trabalho biobibliográfico são apontados: Carmona (2012) – que investigou os Caminhos-de-Ferro em Portugal, Nogueira (2004) - sobre Werner Sombart, Rubbo (2003) – que estudou Friederich Michel Litto, e Monarcha e Lourenço Filho (2001) – que pesquisaram sobre Lourenço Filho.



sobre o objeto, tornando-se leitura importante para novos estudos na área.

Bibliografia

ARAÚJO, Oscar. Egídio. Enquistamentos étnicos. **Revista do Arquivo Municipal**. Vol. LXV, p. 227-246, 1940.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. A sociologia no Brasil: Florestan Fernandes e a “escola paulista”. In: Miceli, S. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil. Vol. 2**. São Paulo, Editora Sumaré: Fapesp, 1995.

BARIANI, E; SEGATTO, J. A. Ciências Sociais no Brasil: ideologia e história. 2009. Disponível em <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=1149>>. Acesso em 30/07/2015.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: Ortiz, Renato (org.). Florestan Fernandes (coord.) **Pierre Bourdieu - Sociologia**, Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo, Editora Ática, 1983.

BRASIL. **Decreto nº 14.343**, de 7 de setembro de 1920.

BRASIL. **Decreto nº 19.851**, de 11 de abril de 1931.

CANDIDO, Antônio. A sociologia no Brasil. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, junho de 2006, v. 18, n. 1. 271-301.

CARDOSO, Irene. **A Universidade da Comunhão Paulista**. São Paulo, Cortez, 1982.

CARMONA, Daniela Alexandra Tavares. **Contributo biobibliográfico para o estudo do Caminho-de-Ferro em Portugal (1856-2006)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2012.

CASTRO, Marco Luiz. de. **Entre o Japão e o Brasil: a construção da nacionalidade na trajetória da vida de Hiroshi Saito**. Dissertação de mestrado, Campinas-SP, Unicamp, 1994.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. A contemporaneidade da tradição intelectual da escola livre de sociologia e política: a obra de Oracy Nogueira. In: KANTOR, I; MACIEL, D. A; SIMÕES, J. A. (orgs). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)** - depoimentos. 2. ed. São Paulo, SP. Sociologia e Política, 2009.

CHACON, Vamireh. **História das ideias sociológicas no Brasil**. São Paulo: Grijalbo, 1977.



CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra**. A mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. Edusp, Geração Editorial, São Paulo, 2000.

DEL VECCHIO, Angelo; DIÉGUEZ, Carla. (orgs). **As pesquisas sobre o padrão de vida dos trabalhadores da cidade de São Paulo: Horace Davis e Samuel Lowrie**, pioneiros da Sociologia aplicada no Brasil. São Paulo-SP. Editora Sociologia e Política, 2008. 252 p.

DEL VECCHIO, Angelo. Preâmbulo: as influências presentes nos anos de formação da Escola Livre de Sociologia e Política. In: KANTOR, I; MACIEL, D. A; SIMÕES, J. A. (orgs). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)** - depoimentos. 2. ed. São Paulo, SP. Sociologia e Política, 2009.

_____ **O ensino superior e as elites paulistas: os casos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e da Escola Livre de Sociologia e Política** [mimeo] versão preliminar. Universidade Estadual Paulista, FCL, Araraquara, SP, 2014.

ESTADO DE SÃO PAULO. **Decreto nº 6.283**, de 25/01/1934.

ESCOLA LIVRE DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA. **Manifesto da fundação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo**. In: (Anexos) KANTOR, I; MACIEL, D. A; SIMÕES, J. A. (orgs). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)** - depoimentos. 2. ed. São Paulo, SP. Sociologia e Política, 2009.

FANTIN, Jader Tadeu. **Os japoneses no bairro da Liberdade-SP na primeira metade do século XX**. Dissertação de mestrado. IAU-USP. São Carlos-SP, 2013.

FERNANDES, Florestan. **A etnologia e a sociologia no Brasil: ensaios sobre aspectos da formação e do desenvolvimento das ciências sociais na sociedade brasileira**. São Paulo: Anhambi, 1958.

HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: Porta, P. (org). **História da cidade de São Paulo, v. 3: a cidade na primeira metade do século XX**. São Paulo, Paz e Terra, 2004.

HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo. (orgs). **Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.

JACKSON, Luiz Carlos. Tensões e disputas na sociologia paulista (1940-1970). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. vol. 22 nº. 65 outubro/2007.

JESUS, Matheus Gato de; TANIGUTI, Gustavo Takeshi. Sociologie de l'immigrant : Hiroshi Saito et l'institutionnalisation des études sur les Japonais du Brésil (1940-



1960). **Bresil(s)**, v. 2, p. 201-224, 2012.

KANTOR, Iris; MACIEL, Debora; SIMÕES, Julio Assis. (orgs). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)** - depoimentos. 2. ed. São Paulo, SP. Sociologia e Política, 2009.

LIMONGI, Fernando. A escola livre de sociologia e política em São Paulo. In: MICELI, S. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil. Vol. 1.** São Paulo, Vertice, Editora Revista dos Tribunais: IDESP, 1989.

MAEJIMA, Walter Kudo. **Imigração japonesa no Estado de São Paulo, 1908-1941.** Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP. São Paulo-SP, 2005.

MANNHEIM, Karl. A sociologia do conhecimento. In: **Ideologia e utopia.** Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1968.

MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA (1932). Revista **HISTEDBR** On-line, Campinas, n. especial, p.188–204, ago. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/doc1_22e.pdf> Acesso em 19/08/2015.

MATOS, Odilon Nogueira de. O clima cultural dos anos de formação e o pioneirismo da Escola Livre de Sociologia e Política. In: KANTOR, I; MACIEL, D. A; SIMÕES, J. A. (orgs). **A Escola Livre de Sociologia e Política: anos de formação (1933-1953)** - depoimentos. 2. ed. São Paulo, SP. Sociologia e Política, 2009.

MERTON, Robert King. **Ensaio de Sociologia da Ciência.** Org. e posfácio de Anne Marcovich e Terry Shinn; trad. de Sylvia Gemignani Garcia e Pablo Rubén Mariconda. São Paulo, Associação Filosófica Scientiae Studia/Editora 34, 2013 (1ª edição).

MICELI, Sérgio. O cenário institucional das Ciências Sociais no Brasil. In: Miceli, S. (org.) **História das Ciências Sociais no Brasil. Vol. 2.** São Paulo, Editora Sumaré: Fapesp, 1995.

MONARCHA, Carlos; LOURENÇO FILHO, Ruy. (orgs). **Por Lourenço Filho: uma biobibliografia.** MEC-INEP, Brasília, DF, 2001.

NOGUEIRA, Arlinda Rocha. **Imigração japonesa na história contemporânea do Brasil.** Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1ª edição, 1984.

NOGUEIRA, Antonio de Vasconcelos. Werner Sombart (1863-1941) apontamento biobibliográfico. **Análise Social**, vol. XXXVIII (169), 2004, 1125-1151.

PAULA, Maria de Fátima Costa de. USP e UFRJ: a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. **Revista Tempo Social**, São Paulo, v.14, n.2, p.147-161, 2002.



PIZA, Douglas de Toledo. Um palpite sobre a imigração nas Ciências Sociais de São Paulo: três décadas, duas perspectivas e uma cisão. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.19.1, 2012, pp.33-47.

SAITO, Hiroshi. Pesquisa sobre a aculturação dos japoneses no Brasil. **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 15, n. 3, p. 195 - 209, 1953.

_____ O suicídio entre os imigrantes japoneses e seus descendentes no Estado de São Paulo. **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 15, n. 2, p. 109 - 130, 1953.

_____ O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural. **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 16, n. 3, p. 248 - 283, 1954.

_____ O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural (II). **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 17, n. 1, p. 56 - 71, 1955.

_____ O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural (III). **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 17, n. 2, p. 163 - 195, 1955.

_____ O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural (IV). **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 17, n. 3, p. 254 - 268, 1955.

_____ O cooperativismo na região de Cotia: estudo de transplantação cultural (V). **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 17, n. 4, p. 355 - 370, 1955.

_____ Alguns aspectos da adaptação de imigrantes japoneses no Brasil. **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 20, n. 4, p. 451 - 462, 1958.

_____ Mobilidade de ocupação e de status de um grupo de imigrantes. **Sociologia**: revista dedicada à teoria e pesquisa nas Ciências Sociais, v. 22, n. 3, p. 241 - 253, 1960.

_____ **O japonês no Brasil – estudo de mobilidade e fixação**. São Paulo, Editora de Sociologia e Política, 1961.

SAKURAI, Celia. Imigração japonesa para o Brasil. Um exemplo de imigração tutelada- 1908-1941. **Em: XXII Encontro Nacional da ANPOCS**. GT 9 MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. Caxambu-MG, Outubro, 1998.



_____ **Imigração tutelada: os japoneses no Brasil.** Tese de Doutorado. IFCH-Unicamp. Campinas-SP, 2000.

RUBBO, Daniela. Friederich Michel Litto: Uma biobibliografia. In: VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação, 2003, São Bernardo do Campo. **Anais do V CELACOM, 2003.**

WILLEMS, Emílio; SAITO, Hiroshi. Shindô-Renmei: um problema de aculturação. **Sociologia:** revista didática e científica, v. 9, n. 2, p. 133 - 152, 1947.

Recebido: 29 maio, 2017.

Aceito: 16 jul., 2017.